



WIKILEAKS E A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA DA INFORMAÇÃO: Uma análise crítica do filme “O Quinto Poder”

O filme “O Quinto Poder”, cujo título original é *The Fifth Estate*, foi produzido em 2013 pelos estúdios Disney e distribuído pela empresa Buena Vista. Categorizado como drama, conta no elenco com Benedict Cumberbatch, que interpreta o excêntrico Julian Assange, e Daniel Brühl no papel do Daniel Domscheit-Berg, um alemão da área de Tecnologia da Informação (TI) que se torna o braço direito de Assange. Cabe lembrar que o filme é baseado no livro escrito por Daniel Domscheit-Berg após o rompimento da relação de amizade com Assange.

O elenco conta ainda com Carice van Houten, Laura Linney, Anthony Mackie, além de Stanley Tucci, Peter Capaldi e David Thewlis, personagens que rodeiam Assange na tentativa de caçá-lo por temerem o que ele pode fazer, enquanto outros tentam manter-se próximos pelo encantamento que ele exerce.

A história, que se passa em vários países da Europa, nos Estados Unidos (EUA) e na África, conta o início do *website* WikiLeaks, que, disponibilizando informações, contribuiu para o fortalecimento do princípio da transparência de informações como basilar na democracia de várias partes do mundo. O filme demonstra a repercussão dos vazamentos de informações tanto para a mídia, como para sociedade em geral.

O filme mostra como o WikiLeaks chegou às manchetes mundiais em 2010, após divulgar um vídeo gravado por norte-americanos no Iraque em 2007. O vídeo chocou o mundo e promoveu o *site*. Assange, a partir daí, passa a conceder entrevistas em grandes veículos de comunicação em defesa do WikiLeaks.

Ainda em 2010, o *site* vazou centenas de milhares de documentos militares americanos referentes à guerra no Iraque e no Afeganistão. E em 2011 ainda foram divulgados cerca de 250 mil documentos sigilosos oriundos da diplomacia norte-americana. Isso fez com que o WikiLeaks tivesse visibilidade mundial e ficasse conhecido pelo discurso pró-transparência. Os vazamentos fatalmente atraíram mais voluntários e defensores dentro da mídia, mas também provocaram a ira de alguns países, principalmente dos EUA.

Depois desses vazamentos sem precedentes, Assange tornou-se um dos homens mais procurados do mundo, e o WikiLeaks tornou-se uma nova maneira de fazer notícia no século XXI, dando ao povo direito à informação. Evidentemente, isso teve impacto direto na cultura do segredo e da transparência, suscitando questionamentos mundiais sobre os limites do que é considerado “segurança nacional”.

O WikiLeaks é fruto da trajetória de Julian Assange, que, com apenas 16 anos, dispendo de um *modem* e de um computador, criou um portal, em uma época em que *websites* ainda não existiam, mas já havia rede de computadores e sistemas de telecomunicações.

Após abandonar em 2006 os estudos de matemática e física em Melbourne, Assange fundou o WikiLeaks com o intuito de publicar informações sobre o que ele entendia como “regimes opressores” (China, antiga União Soviética, África Subsaariana e Oriente Médio) e países ocidentais com “condutas pouco éticas”. O *site* foi crescendo graças à colaboração de pessoas de todas as partes do mundo, os chamados “voluntários”, tornando-se uma fonte relativamente segura para delatores.

O WikiLeaks revolucionou a maneira de distribuir informações, porque, protegidas pelo anonimato, as pessoas sentiram-se encorajadas a fazer denúncias com a garantia de que não seriam identificadas.

Assange acreditava na transparência para combater a cultura do segredo, embora o conceito de transparência ainda não estivesse bem difundido, mesmo entre os governos democráticos (BOBBIO, 2000; LAFER, 2011; LIMA; TONUS, 2012). Por isso, Assange com seu WikiLeaks é capaz de abalar as estruturas de governos e empresas que estavam baseados no segredo.

A partir da Revolução Digital, houve uma transformação vertiginosa no que diz respeito à informação. Tudo foi alterado, desde a forma de armazenar informações até a maneira de divulgá-las, com o advento da Internet. As tecnologias da informação e comunicação (TIC) abriram um novo horizonte para o século XXI, democratizando, por exemplo, o acesso à informação (LIMA; TONUS, 2012).

Como consequência desse processo, enfrenta-se a dificuldade de manter o sigilo de dados pessoais, bancários, fiscais, de e-mails, segredos profissionais, de comunicações diplomáticas, etc. (LAFER, 2011).

De acordo com Bobbio (2000), a transparência oferece aos cidadãos meios de avaliar e de controlar as decisões dos governantes. O que significa que a transparência é uma espécie de cultura proveniente da Revolução Digital, pois só é possível graças a ela. De fato, são as TIC que possibilitam um controle da sociedade sobre os governos.

A Revolução Digital propiciou o desenvolvimento de *websites* como o WikiLeaks, que, conforme é abordado no filme, mostram ao mundo como a tecnologia pode democratizar o acesso a informações e permitir sua divulgação em grande escala (LIMA; TONUS, 2012). O jornal *The Guardian* chamou isso “jornalismo cidadão”.

Trata-se da interação entre as novas tecnologias e a sociedade. Com efeito, cidadãos contrários à cultura do segredo, em instituições públicas ou privadas, contribuem para a cultura da transparência, tornando de conhecimento público tudo o que essas instituições querem esconder da sociedade, independentemente dos motivos (LAFER, 2011).

O WikiLeaks é considerado uma das maiores fontes confiáveis de informações secretas ou sigilosas, tornadas públicas. O *website* conseguiu, por meio da tecnologia disponível, democratizar informações de interesse público, que eram obscuras para a sociedade, e fomentar a discussão sobre a transparência e o segredo.

O filme “O Quinto Poder” evidencia a mídia e o papel das informações. Para Assange, “*as informações são responsáveis por garantir o papel social da democracia, uma vez que dão ao povo o poder de vigiar, cobrar e controlar as ações de governos e empresas privadas, invertendo a lógica de outrora*”.



De acordo com Sartori (2007), a palavra democracia significa em seu sentido literal “o poder do povo”, sendo assim, trata-se de um regime de governo no qual o povo exerce poder. Bobbio (2000), referindo-se às decisões dos governos, com a exceção do que é considerado segredo, define democracia como “poder público em público”. Sartori (2007) reconhece que a definição de democracia não é suficiente para se entender a realidade democrática; de igual modo, não é suficiente para se compreender como as democracias são construídas e mantidas.

Como exemplificado no filme, após os vazamentos dos documentos que demonstravam a corrupção de um grande banco suíço, um juiz dos Estados Unidos ordena o fechamento do WikiLeaks, na tentativa de impedir que as denúncias do *website* continuassem. Assange invoca uma frase de Souza Reniti: “*Ninguém pode bloquear a estrada para a verdade*”!

O Estado de Direito deveria intervir tão somente no intuito de garantir a transparência entre sociedade, governantes e qualquer outro poder hegemônico (BRIN, 1998). De fato, como fica evidente no filme, os EUA, mesmo ostentando a bandeira da liberdade, tentam censurar o WikiLeaks.

A saída do *site* do ar causou um furor na Internet, e diversos *blogs* começaram campanhas para reverter a ordem do juiz americano contra o WikiLeaks. Diz Assange sobre o juiz que expediu a ordem: “*se Julius Baer [banco suíço] realmente acredita que censurar um site vai resolver o problema deles, eles não têm noção de como a informação flui no século XXI, os nossos sites espelhos tornam impossível colocar o gênio de volta na garrafa*”. E complementa: “*a opinião pública já está toda a nosso favor*”! E ele estava certo: pela pressão da mídia e da sociedade, o juiz norte-americano revogou a liminar, e o WikiLeaks voltou ao ar em seu endereço oficial. Daniel Domscheit-Berg comemora: “*a gente ganhou de um banco de um bilhão de dólares*”!

Como é retratado no filme, o WikiLeaks, idealizado por Julian Assange, desde sua gênese, vazava na Internet informações sigilosas de governos e empresas, obtidas por fontes anônimas. Assange, com toda sua ideologia, levantou discussões sobre sigilo, vigilância, confiabilidade, democracia, liberdade e transparência na modernidade. Por meio de seu

website, conseguiu democratizar o acesso à informação, ao revelar segredos mantidos longe do conhecimento da sociedade, que conseguiram alcançar os cidadãos comuns graças à Internet. Uma jornalista que depois se associará à causa do WikiLeaks afirma: “[o site] está redefinindo o direito do povo à informação, eu gostaria de saudar a legitimidade deles”!

Assange, como é demonstrado no filme, entendia desde cedo que informação era poder. Portanto, a partir da Revolução Digital, quem detém informação tem poder. Para Vianna (2006, p. 150), “não de quem detém o capital, mas de quem detém a informação que é o capital do século XXI (EUA, multinacionais, etc.). Não há transparência, ainda que esta seja um ideal a ser alcançado no que diz respeito aos governantes”.

O filme “O Quinto Poder” retrata como Daniel Domscheit-Berg passa a ver em Julian Assange uma pessoa fascinada pelo poder da informação, que, em certos momentos, não mede as consequências de seus atos e teme as ambições de qualquer outra pessoa que lhe pareça uma ameaça. Assange concebia um quinto poder, portanto o esforço do WikiLeaks dependia da não manipulação das informações, do contrário cairia no mesmo abismo em que o quarto poder – o jornalismo – sucumbiu no século XX.

Seguindo seu propósito, após os escândalos gerados pelos primeiros grandes vazamentos do *website*, Assange e Daniel conseguiram chamar a atenção do mundo. E levantando o debate sobre segredo e transparência, o que fatalmente remete à democracia.

Após o vazamento do vídeo do dia 11 de setembro, o WikiLeaks conseguiu o apoio de defensores da liberdade de acesso a informações oficiais. Esses defensores acreditavam que o *website* de Julian Assange permitiu desmascarar ações obscuras de governos de diversos países e de várias empresas privadas.

Com a divulgação da lista dos neonazistas de Londres, surgiu uma nova discussão, pois, além dos nomes, foram divulgadas informações pessoais como endereço, *e-mail* e telefone dos integrantes. Qual seria o limite dos vazamentos pelos apoiadores do WikiLeaks? Eles teriam o direito de oferecer uma transparência literal?

Após a divulgação de um relatório de amigos de Assange sobre violação de direitos humanos no Quênia por esquadrões da morte formados por policiais, com a citação, na denúncia, dos nomes dos responsáveis pelo documento, questionou-se o propósito do WikiLeaks, já que a premissa de manter tudo na íntegra fez com que o intuito de ajudar dos delatores acabasse colocando-os em perigo. De fato, os amigos de Assange foram assassinados pelos seus algozes após fazerem a denúncia ao WikiLeaks.

Embora os princípios do WikiLeaks sejam baseados na democracia, portanto obrigatoriamente fundamentados na transparência, as atitudes de Julian Assange no filme demonstram um quê de autoritarismo e muito egocentrismo, por não levarem em consideração a necessidade de edição dos documentos para preservar as identidades tanto das fontes, como de inocentes, quaisquer outros inocentes.

Para Assange, somente a divulgação em grande escala, com a ajuda dos jornais conceituados, poderia proteger as fontes, pois, após o conhecimento do grande público, ninguém ousaria tentar “*queimar arquivos*” por medo da exposição, a que se opunha categoricamente Daniel. As contradições do protagonista quanto ao intuito do *website* e sua conduta pessoal fizeram com que as divergências na condução da organização, com seu até então braço direito Daniel, ficassem insustentáveis.

Assange acreditava que as informações deveriam ser divulgadas no WikiLeaks exatamente como foram recebidas de suas fontes, ou seja, sem edições, o que poderia tornar os próprios colaboradores alvos, assim como os possíveis inocentes cujos nomes constavam nos documentos vazados. Daniel, apresentado no filme como mais sensato que Assange, achava que expor as informações sem esconder as fontes e os nomes de inocentes poderia causar uma série de problemas, incluindo a retaliação aos expostos, o que fatalmente comprometeria a integridades das fontes e o propósito das denúncias.

O filme consegue transmitir bem a revolução democrática que o WikiLeaks iniciou com um dos vazamentos evidenciados no filme, quando meio milhão de mensagens de texto sobre o 11 de setembro foram divulgadas, o que gerou uma indignação social não só nos EUA, mas em várias partes do mundo. O WikiLeaks permitiu que milhares de civis tivessem acesso a informações que jamais seriam divulgadas sobre o episódio do 11 de setembro (LIMA; TONUS, 2012). Chamando a atenção da Casa Branca, passaram a ser vigiados; em seguida, Assange viria a ser procurado pela Interpol.

Durante uma conferência retratada no filme, Assange diz: “*O bom jornalismo expõe os poderosos, o que frequentemente provoca retaliações, mas a revolução é a luta entre o passado e o futuro. E o futuro acabou de começar!*”

Sobre a revolução democrática que o WikiLeaks causou, uma senhora na plateia confessa durante essa conferência: “*Cresci na Alemanha oriental, e, mesmo se só mandássemos uma carta sobre um cano de esgoto quebrado, eramos vigiados, talvez interrogados, jogados na cadeia. Eu acho, Sr. Assange, que se tivéssemos alguém como o senhor, o muro teria sido derrubado muitos antes.*”

O filme, logo no princípio, mostra os grandes jornais do mundo indagando: “Mas o que é esse *site* WikiLeaks? E quem é Julian Assange?” Assange tinha interesse pelo modo como surgem novas informações, como essas informações trafegam pela sociedade e como podem acarretar grandes mudanças. Daí o quinto poder.

Na era pós-industrial, o objetivo do trabalho humano deixou de ser a transformação da matéria-prima em bens de consumo; passou a ser o conhecimento que se torna possível por meio da tecnologia (BRIN, 1998).

A invenção em 1947 do transistor e, graças a seu desdobramento, a invenção em 1970 do microcomputador foram os principais catalisadores que transformaram o desenvolvimento industrial em desenvolvimento informacional. A partir daí, o que se vê são tecnologias, publicidade e economia de serviços que objetivam a informação – o assim chamado capitalismo informacional ou pós-industrial (BRIN, 1998).

Nesse sentido, Brin (1998) afirma que o poder estaria concentrado não mais nas mãos de quem tem os mais poderosos exércitos ou as máquinas mais sofisticadas, mas nas mãos de quem detém as informações mais valiosas.

A mídia, desde o final do século XX, representa um verdadeiro império. Sua força não advém teoricamente da força política (embora no século XXI a linha que as separa seja muito sutil) ou da força militar, porém seu poder é igual ou maior dependendo do parâmetro.

O jornalismo tem acompanhado as revoluções tecnológicas e, *grosso modo*, busca veicular novidades que chamem a atenção do público, sempre se voltando para a venda. Pautase pela lógica mercadológica, que repete padrões que dão audiência. As fórmulas que logram êxito são “grotescas” e “históricas”, valendo-se de tragédias e escândalos, o que amplia o movimento de “devoração da/pela mídia” (FORTUNATO, 2010, p.7).

Segundo as palavras de Gitlin (2003, p. 12), “as mídias estão contrabandeando o hábito de viver com as mídias”. Caberia às mídias atuais o papel de satisfazer os desejos, as demandas cada vez maiores da sociedade.

No século XXI, a cidadania exige o conhecimento dos meios de comunicação, conhecimento que poucos têm. Daí a necessidade de se aprofundar o estudo das mídias (SILVERSTONE, 2011). Nas sociedades democráticas, o abuso de poder não está extinto e, na verdade, os casos de abuso de poder não são incomuns, embora as leis sejam democráticas quanto a sua votação, os governantes, eleitos por sufrágio universal e o Judiciário, teoricamente independente do Poder Executivo.

Nesse contexto, o papel do jornalismo seria, entre outras coisas, denunciar violações de direitos nos meios de comunicação, o que, durante algum tempo, foi denominado “quarto poder”.

A Revolução Digital foi responsável por permitir que, com a Internet, os meios de comunicação ultrapassassem barreiras de tempo e espaço. A globalização econômica confundeu-se com a globalização da mídia de massa, da comunicação e da informação. Como consequência disso, os meios de comunicação alinharam-se aos outros poderes, perdendo sua característica de quarto poder. Não funcionando mais como um “contrapoder” como outrora, deixaram cada vez mais de denunciar abusos de poder e de cobrar condutas políticas corretas (RAMONET, 2003).

É nesse contexto que o quinto poder “surge”. Em um momento em que o jornalismo não mais estava a favor do povo; antes, estava aliado aos outros poderes. A manipulação de informações tornou-se comum, e o jornalismo transgrediu seu intuito inicial (RAMONET, 2003).

O filme “O Quinto Poder” tenta transmitir ao espectador o ritmo corrido no qual as pessoas vivem hoje, bombardeadas por uma enxurrada de informações fruto da era digital. É difícil definir o poder retratado no filme: ora se trata do poder piramidal e opressor do qual Marx fala, ora se trata do poder da informação, que pode ser usada para derrubar tiranias, hegemonias e opressores – o poder descrito por Foucault (1979), na verdade, relações de poder, e o poder nas mãos de uma única pessoa.

O quinto poder nasce da necessidade de haver uma força cidadã capaz de se contrapor às forças políticas e econômicas, seria a resistência aos grandes grupos de mídias defensores da globalização liberal (RAMONET, 2003).

O WikiLeaks, por meio dos vazamentos dos telegramas diplomáticos, pretendia expor as contradições existentes nos EUA, divulgando o que estava sendo dito em sigilo. Assange chegou a declarar à revista *Time* que sua intenção era propiciar um mundo mais cívico, em que os Departamentos de Estado e de Defesa do EUA seriam responsabilizados por suas ações.

Como se pode ver no filme, a transparência causou graves danos diplomáticos e econômicos a vários países e empresas, como os impactos provocados pelos vazamentos dos documentos do Pentágono.

Fica evidente o poder que a informação adquire na modernidade, quem a detém está de posse da mercadoria mais valiosa da pós-modernidade (LAFER, 2011). O filme “O Quinto Poder” ilustra bem essa questão, quando Assange mostra a sua “equipe” e a um jornalista do

The Guardian a nova denúncia feita por um militar: trata-se de um vídeo no qual soldados americanos aparecem matando civis no Iraque, incluindo dois repórteres da agência de notícias britânica Reuters, que oficialmente foram mortos durante um confronto entre as forças americanas e os insurgentes. Num discurso nos EUA, Assange denuncia:

“O vídeo mostra o massacre brutal de dois repórteres da Reuters. Nós obtivemos provas em primeira mão, da barbaridade da guerra. Um homem que ia levar seus filhos à escola, ele vê outro homem baleado na calçada, em sua frente, ele para para ajudar esse civil e na sequência ele é morto. Seu veículo foi virado 180° pela potência das balas de 30 mm, vindas de um helicóptero Apache, rasgando o veículo e milagrosamente não matando as duas crianças lá dentro”.

Na sequência, toma-se conhecimento de que os americanos prendem o soldado que vazou o vídeo. Trata-se do maior vazamento militar da história: mais de meio milhão de documentos confidenciais dos registros da guerra no Afeganistão e no Iraque, e todo o banco de dados do Departamento de Estado do EUA, o equivalente a cinquenta mil mensagens diplomáticas. O vazamento tem consequências não só para o governo norte-americano, mas também para centenas de informantes citados nos arquivos militares.

É notável a ambiguidade do uso da tecnologia pelos governos. Ao mesmo passo que o avanço tecnológico auxilia na comunicação, na otimização e na abrangência de alcance, pode também facilitar o acesso a milhões de informações em apenas um clique. O que fica evidenciado na frase da diplomata norte-americana na cena em que é informada sobre o vazamento: *“Um soldado de 22 anos, com histórico de instabilidade mental e um CD da Lady Gaga. E estamos à beira de uma crise internacional”!*

A partir desse ponto, a relação entre Assange e Daniel fica comprometida. Em um diálogo entre os dois, Daniel diz: *“Não sabemos o que tem nesses documentos. Você está arriscando a vida das pessoas. Nossa missão não é essa!”* E Assange responde: *“O sentido da nossa organização é publicar na íntegra, tudo!”* Daniel complementa: *“Eu achei que o sentido era proteger os denunciantes”.*

Após a notícia do vazamento dessas informações privilegiadas, Nick Daves, um jornalista do *The Guardian*, procura a equipe do WikiLeaks propondo ajuda para averiguar os milhares de documentos e mensagens. Nick propõe uma aliança internacional da mídia para legitimar o WikiLeaks como organização jornalística. *“Deixa os Estados Unidos atacarem! Nós imprimimos as notícias”*, em contrapartida à tentativa de desmoralização do WikiLeaks pelos EUA, os grandes jornais internacionais fariam o oposto, colocando os responsáveis pelo *website* como benfeitores democráticos; em troca, os jornais teriam acesso em primeira mão às informações desse vazamento sem precedentes na história. A única ressalva dos jornalistas era

a mesma de Daniel: não colocar a vida das pessoas em risco apenas para não editar os documentos.

Finalmente Assange concorda com a edição dos nomes de inocentes nos documentos e dá o *link* de um *site* temporário que contém o material dos registros de guerra, com prazo para revisão e divulgação. Se tudo corresse bem, o próximo passo seriam as mensagens.

Vem então a parte mais dramática do filme: as equipes jornalísticas dos jornais que trabalham com a revisão dos documentos militares dão-se conta que de que não há como publicar todos os documentos sem expor os informantes, já que, mesmo sem os nomes, o contexto revela quem são; avisam que será preciso um verdadeiro exército para revisar e editar os noventa e um mil documentos restantes. Nesse momento, Daniel dá-se conta de que faltam apenas quatro dias para terminar o prazo estipulado por Assange para o vazamento histórico; como não será possível fazer isso sem efeitos colaterais graves, sugere o adiamento da publicação, sob o argumento de que Assange mentiu para os jornalistas, mentiu para sua equipe e para as fontes. Então Assange responde: *“Estamos ganhando uma guerra de informação. Que é muito mais do que qualquer aliança a curto prazo com a grande mídia. E você quer jogar tudo fora porque tem medo de que algum informante americano se dê mal”?*

A cena demonstra que há um paradoxo na transparência literal que Assange prega. Por afrontar Assange, Daniel é dispensado da equipe. No dia combinado, mais de noventa mil documentos foram divulgados pelo WikiLeaks, e os grandes jornais ao mesmo tempo soltaram matérias relativas a uma parte desses documentos – desde informações sobre o número de civis mortos sem registro oficial, mortes de soldados americanos, até táticas de guerra questionáveis.

A plataforma de denúncias é desabilitada temporariamente em 2010 pelos ex-membros da equipe de Assange, encabeçada por Daniel. Por isso, somente os jornais publicaram as mensagens naquele ano. Só em 2011 as duzentas e cinquenta mil mensagens diplomáticas foram vazadas pelo WikiLeaks em seu formato original.

Um questionamento interessante surge então na mídia: *o que é mais prejudicial para a segurança nacional, o WikiLeaks ou a má política americana?*

Em uma democracia, é garantido o direito do ser humano de comunicar livremente suas ideias e opiniões, desde que não estejam sujeitas a restrições constitucionais. Nenhuma lei deveria restringir de forma arbitrária a liberdade de expressão ou a liberdade de imprensa. Os meios de comunicações são responsáveis por garantir informações não contaminadas, ou seja, devem responder pela divulgação de informações falsas, propagandas ideológicas, manipulações de qualquer tipo (RAMONET, 2003).

Em razão disso, em 2002, entrou em vigor o Observatório Internacional da Mídia, em inglês *Media Watch Global* (MWG), uma organização não governamental (ONG) formada por todos os profissionais que fazem comunicação nos diferentes meios e por aqueles que se opõem aos caminhos tomados pelos grandes grupos econômicos de comunicação de massa.

Como ONG, o MWG não possui o poder de sanção, mas, com o apoio social, pode minar a credibilidade de meios de comunicação que estejam em desconformidade com os critérios da informação limpa, e essa seria a pior sanção para a imprensa. Embora isso não signifique que o Observatório de Internacional de Mídia tenha a finalidade de censurar os meios de comunicação, seu objetivo é garantir que os profissionais sejam capazes de trabalhar sem a influência dos donos dos meios de comunicação. Esse movimento foi justamente chamado por Ignacio Ramonet “quinto poder”.

O filme consegue passar muito bem a ideologia por trás do WikiLeaks e seu legado para o século XXI, demonstrando que, graças à ideia inovadora de Assange e de sua habilidade com tecnologia, aliada a boas fontes, foi possível expor segredos de governos, ilícitos de grandes bancos, sigilos diplomáticos, etc. Esse fenômeno gerou crises nacionais e diplomáticas, alterações de resultados eleitorais, mudanças de opiniões, entre outras consequências.

O primeiro ato do WikiLeaks retratado no filme é tramado por Daniel e Assange em dezembro de 2007, quando eles se encontram pessoalmente pela primeira vez durante o Congresso de Comunicação Chaos (reunião anual de *hackers*) em Berlim. O alvo é um grande banco suíço chamado Julius Baer, que se utilizava das leis de sigilo dos pequenos países para esconder dinheiro de biliardários de potências da Europa. O filme frisa que, embora não houvesse como saber a fonte das denúncias, antes de divulgar quaisquer informações, Assange e Daniel confirmavam sua autenticidade.

O que o WikiLeaks iniciou ainda repercute em nossa sociedade. Após tantos escândalos e repercussão na grande mídia, o *website* tornou-se conhecido mundialmente, assim como sua ideologia (LIMA; TONUS, 2012), servindo de ferramenta para lembrar aos governos democráticos que a transparência é legado da tecnologia e que, portanto, não se pode mais tentar esconder-se atrás de segredos absolutos após a Revolução Digital.

A tecnologia que propicia ao Estado e ao poder econômico o privilégio de monitorar as pessoas também pode ser utilizada como ferramenta para o monitoramento dos governantes. Sendo assim, essas tecnologias conduzem as civilizações futuras para uma sociedade transparente (BRIN, 1998).

Com o advento da Internet, o WikiLeaks inovou ao tornar notícia as informações que por muitos motivos jamais seriam veiculadas em meios de comunicação formais. Como fica evidenciado em diversas falas de Assange, o intuito era noticiar sem edições, ou seja, deixar que cada receptor forjasse sua própria opinião a respeito, longe da manipulação dos grandes veículos de comunicação que Assange desprezava.

Sobre isso, Vianna (2006, p. 48) ressalta que “esta inestimável contribuição da Internet à liberdade de expressão e ao direito à informação tem, por certo, como corolário, uma maior vigilância pelos cidadãos dos atos do poder hegemônico e do Estado”.

A Internet tem, sem dúvida, um alto potencial político e foi capaz de libertar as informações, construindo uma democracia fundamentada no conhecimento humano, na transparência, ultrapassando assim a barreira histórica do segredo. Com isso, permitiu que qualquer pessoa tivesse acesso a informações que outrora eram praticamente inatingíveis. Segundo Brin (1998), em uma sociedade transparente, a vigilância recíproca é aceitável; logo, o Estado vigia o cidadão, o patrão vigia o funcionário e vice-versa.

Ensina Vianna (2006, p. 170):

Política e Direito são faces de uma mesma moeda. Onde há poder, há resistência. É preciso apropriar-se do discurso jurídico que por tantas vezes na história foi usado como instrumento de legitimação do poder dominante e torná-lo um instrumento de limitação deste poder.
Na sociedade de controle, é preciso que os vigiados vigiem os vigias.

De acordo com Assange no filme, duas pessoas portando um segredo seriam “*o início de qualquer conspiração e de toda a corrupção*”. Ainda segundo o personagem, se alguém honesto for capaz de denunciar e de expor segredos, esse alguém será capaz de vencer até o mais opressor dos regimes.

O problema estaria no medo da possível retaliação do delator, e aí reside a grande ideia do WikiLeaks. Esse *website* foi capaz de utilizar a tecnologia para esconder a identidade da fonte, para que a fonte “não tenha nada a temer”. Segundo Assange, as fontes são indetectáveis, graças ao carregamento simultâneo de fontes falsas, o que torna impossível monitorar as fontes verdadeiras, ou seja, os vazamentos do mesmo modo são irrastráveis.

Durante uma cena do filme, um jornal noticia que Assange: “[...] fez do WikiLeaks uma força global, e doa a quem doer expôs o que considera os segredos mais sombrios do mundo”. Isso se deve ao conceito que Assange tem da informação e do direito democrático de sua divulgação. Esse conceito vai ao encontro da interpretação de Vianna (2006, p. 21) para a trajetória histórica da informação:

A informação é o meio de produção da própria informação e, na economia pós-industrial, é também o produto de maior valor. Toda a economia está voltada prioritariamente para a produção de mais informação, e o poder de dominação é exercido pelos detentores dos mais diversos tipos de informação: tecnológica, nuclear, publicitária, cultural, etc. A informação tornou-se o mais poderoso instrumento para subjugar a espécie humana.

Com o crescimento do WikiLeaks e o investimento em novos servidores espalhados pela Europa, o tráfego de notícias do *site* teve um alcance gigantesco. Muitas novas denúncias surgiram na plataforma, como o *Manual do Girard*, uma lista com os nomes dos integrantes do partido nacionalista britânico, denúncias sobre as condutas de soldados americanos na guerra, lixo tóxico na Costa do Martin, corrupção no Kosovo, esquadrões da morte no Quênia, acidente nuclear no Irã, entre outras.

O jornalista britânico envolvido nas matérias sobre as denúncias finaliza o filme falando a Daniel sobre a revolução iniciada pelo WikiLeaks:

“Uma nova revolução da informação, infinitamente mais poderosa que a anterior. Digamos um quinto poder. Originalmente determinado a destruir seus antecessores. Fazendo os velhos modelos morrerem mais rápido do que nós podemos substituí-los. E é por isso que nós precisamos de homens como Julian e você. Que pavimentaram uma estrada através de todo esse caos, e apontaram para a verdade. E sim, os tiranos desse mundo que se cuidem meu amigo... Sabendo que agora temos o poder de exigir a informação que um dia vai varrer todos do poder”!

O princípio da transparência, basilar da democracia, tem causado profundas transformações sociais. Por meio da transparência “formal”, que seria aquela garantida legalmente, a sociedade é capaz de ter certo controle sobre os investimentos dos governos, de órgãos públicos e, em alguns casos, até de privados, obrigando-os a prestar contas de suas finanças, ações, etc. para a sociedade. Teoricamente é uma ferramenta muito sofisticada para expandir a democracia e erradicar a corrupção. Mas ainda se esbarra fatalmente na cultura milenar do segredo. É claro que não é possível esperar que, em menos de duas décadas, a transparência extermine uma cultura histórica de governar baseada no segredo.

A transparência literal, na qual Assange se inspirou para a criação do WikiLeaks, é uma ferramenta com poder devastador para o mundo do segredo, o quinto poder. É capaz de desestabilizar grandes potências mundiais, como é retratado no filme. E mais: propicia uma nova revolução informacional, uma vez que o WikiLeaks abriu uma janela para a política e a economia sem precedentes.

A ideia de transparência literal suscita algumas questões, dentre as quais duas merecem mais atenção: como será o mundo se todos tiverem acesso a todas informações? Há um limite

para a transparência, além do que é resguardado constitucionalmente como segredo? São perguntas para as quais ainda é muito difícil encontrar respostas, mas são questionamentos que se manterão no futuro, graças ao Wikileaks. Esse *website* pode ser considerado um divisor de águas no que diz respeito à divulgação de informação ou quinto poder; valeu-se das TIC, principalmente da Internet, para revolucionar a democratização de informações. Embora tenha tido alguns problemas, de fato marcou o início de uma nova era informacional. E, como toda revolução, provocou danos colaterais. Nesse caso, o filme mostra como a transparência literal pode colocar a vida das pessoas em risco, e isso deve ser levado em consideração na discussão sobre transparência e segredo.

Só a história será capaz de mostrar se a transparência precisa ser limitada para que haja harmonia social e se o quinto poder se efetivará como contrapoder. É certo que as denúncias feitas pelo WikiLeaks lembraram ao povo o poder contido no jornalismo investigativo limpo, o alcance das consequências da informação graças às TIC e os possíveis danos colaterais da transparência literal.

Ainda estamos no início do caminho rumo a uma sociedade transparente, e, graças à tecnologia, essa jornada será possível, estando mais próxima a cada dia. O filme “O Quinto Poder” consegue transmitir claramente a mensagem de que a informação é a mercadoria mais valiosa, fruto da Revolução Digital, a qual agora parece ter iniciado sua própria revolução, mas uma revolução democrática e transparente.

Estudos sobre o papel das mídias, principalmente daquelas oriundas do quinto poder, são essenciais para que se crie um maior senso crítico sobre as informações. Não só para que os objetivos da informação sejam analisados, mas para que seu valor seja compreendido e mais bem empregado para o bem social.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto. Democracia e segredo. In: BOVERO, Michelangelo (Org.). Tradução de Daniela Beccaccia Versiani. **Teoria geral da política: a filosofia política e a lição dos clássicos**. Rio de Janeiro: Campus, 2000. p. 399-415.

BRIN, David. **The transparent society: will technology force us to choose between privacy and freedom?** Cambridge: Basic Books, 1998.

FORTUNATO, Ivan. Civilização em crise: grotesco e histeria devoram o jornalismo. **Revista E-COM**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://revistas2.unibh.br/index.php/ecom/article/view/574/329>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GITLIN, Todd. **Mídias sem limite: como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LAFER, Celso. Vazamentos, sigilo, diplomacia: a propósito do significado do WikiLeaks. **Revista Política Externa**, v. 19, n. 4, mar./abr./maio 2011.

LIMA, Izabella Virissimo; TONUS, Mirna. Wikileaks: liberdade para a comunicação, desafio para a diplomacia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Intercom, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1045-1.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

RAMONET, Ignacio. O quinto poder. Tradução de Jô Amado. **Le Monde Diplomatique Brasil**, n. 45, out. 2003. Disponível em: <<http://webserver.diplomatique.org.br>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

SARTORI, Giovanni. **¿ Qué es la democracia?** Trad. de Miguel Ángel González, María Cristina Pestellini Laparelli Salomon, Miguel Ángel Ruiz de Azúa. Madrid: Taurus, 2007.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** 3. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

VIANNA, Túlio Lima. **Transparência pública, opacidade privada: o Direito como instrumento de limitação do poder na sociedade de controle**. 2006. 188 f. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

Mayara Roberta Araujo Rocha

Historiadora, especialista em História Contemporânea e mestranda em Segurança Pública.

Wilson José Barp

Doutor em Ciências Sociais, professor do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública da Universidade Federal do Pará